

O CONSELHO DO MARQUÊS

Isabel Cardigos*

Resumo

O precedente grupo de artigos dedicados ao mesmo tema –o conselho de decapitar súbditos rebeldes expresso pela acção de cortar as espigas mais altas de uma seara– ocasionou esta nota, em que se propõe um novo subtipo para aquela narrativa, que aparecerá na tradução portuguesa do *Catalogue of Portuguese Folktales* com o número 924*A, *O Conselho dum Tirano*. Transcrevem-se também as duas redacções da sua única versão portuguesa, ambas presumivelmente de Cardoso Martha, a primeira de 1912 e a segunda de 1931, procurando ver nelas sinais do tempo que as separa.

Abstract

The previous set of articles on the same theme –the advice to behead rebel subjects signaled with the beheading of corn heads– led to this note, in which a new folktale subtype is proposed for the narrative. From the one version of which there is a transcription in Portugal, I now transcribe its two redactions (both probably by the same redactor, Cardoso Martha), and tried to compare them as significant time indicators, one appearing in 1912 and the other in 1931.

Em jeito de adenda, transcrevem-se abaixo as duas redacções da única versão que conhecemos em Portugal da narrativa que impulsiona os artigos de José Luis Garrosa, Alberto Montaner e José Manuel Pedrosa incluídos neste dossiê da *E. L. O.* A primeira de tais redacções foi publicada em 1912, numa obra da autoria conjunta de Manuel Cardoso Martha e Augusto Pinto; a segunda é de 1931 e está assinada apenas por Cardoso Martha.¹

1 –

“O Conselho do Marquez de Pombal”

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. Pavilhões de Alvenaria, H5. 8005-139 Faro. Portugal. <icardigo@ualg.pt>

¹ Na transcrição, mantenho a ortografia dos textos originais.

Conta-se que uma vez vieram a Portugal uns fidalgos mandados por um rei estrangeiro a quem tinha chegado a fama do muito que sabia o Marquez de Pombal. Preguntava o rei o que havia de fazer á gente graúda do seu reino, que andava sempre com desavenças e com grandes ambições de governar, e até ás vezes se revoltavam contra el rei, por não fazer quanto eles queriam.

O Marquez não deu resposta, e saiu co' as visitas a passear a um campo de trigo que havia ali perto. Quando lá chegou, co' a ponteira da bengala começou a cortar as espigas que eram mais altas que as outras.

Emquanto estava nisto, não abria o bico. Mas acabou, voltou-se p'ros tais fidalgos e disse:

– Ide lá contar ao vosso rei o que me vistes fazer.

Os homens não tinham percebido nada, mas foram p'rá sua terra contaram ao rei tudo quanto tinham visto fazer ao marquez de Pombal. O rei disse:

Já sei o que ele quére dizer.

E mandou cortar a cabeça aos principais do reino.

Remédio santo foi ele que dahi avante nunca mais houve barulhos naquela terra.²

2 –

Vieram dizer um dia ao M. de Pombal que estava na sala um sujeito estrangeiro a procurá-lo. Foi ver quem era e achou-se com um homem de idade, muito bem vestido, que lhe disse:

– Eu venho aqui, do mando do Rei de tal, que lhe arreventou uma revolução da fidalgaria lá no reino dele e, como ouviu dizer que V. S.^a tinha sabedoria pra resolver tudo, mandou-me cá pedir conselho pra saber o que é que há-de fazer.

Diz-lhe o M. de Pombal:

– Então venha daí comigo.

E levou-o a um campo de trigo que havia por trás do palácio e, com umas tesouras que levava, pôs-se a cortar as espigas mais altas. No fim, disse ao tal:

– Aqui tem a resposta.

– Mas eu não percebo nada nem ouvi resposta nenhuma.

E vai o M. de Pombal:

– Homem, Você que é que me viu agora fazer?

– Saberá V. S.^a que o vi fazer assim e assado.

– Ora, pois bem, vá lá prà sua terra e conte ao seu Rei o que me viu fazer.

O homem foi, contou, contou ao Rei o que tinha visto fazer ao Marquês, e o Rei disse logo:

– Já percebi tudo.

E mandou logo cortar a cabeça aos fidalgos que se tinham revolucionado.³

² M. Cardoso Martha e Augusto Pinto, *Folclore da Figueira da Foz*, II, Espózende, Typographia de José da Silva Viana, 1912, pp. 214-215.

³ Cardoso Martha, “O Marquês de Pombal na Tradição Popular”, *Portvcafe*, IV, 24 (Nov. - Dez. 1931), pp. 330-331.

Esta segunda redacção aparece como a primeira de três histórias redigidas por Cardoso Martha e protagonizadas pelo Marquês de Pombal, “três episódios que lhe criou a fantasia do povo, e, portanto, sem alterar o dizer ingénuo dos narradores, filhos incultos desse povo”.

Em ambas as redacções transparece a intenção de transcrever uma narrativa popular. É curioso ver como a de 1912 o faz através duma linguagem simples mas cuidada e, com a excepção do Marquês de Pombal, sem referentes ao quotidiano – como se de um conto (dos Grimm?) se tratasse. Já a segunda (de 1931) é um “episódio” que começa logo como uma anedota (“Vieram dizer um dia...”), bem mais próxima do que é entendido como proveniente de um “filho inculto d[o] povo”. Além disso, os “fidalgos mandados por um rei estrangeiro” (1912) passam a ser “um sujeito estrangeiro [...] homem de idade, muito bem vestido” (1931); a “gente graúda do seu reino, que andava sempre com desavenças e com grandes ambições de governar e até às vezes se revoltavam contra el rei, por não fazer quanto eles queriam” (1912) resume-se agora numa “revolução da fidalgaria lá no reino dele” (1931); o instrumento que decapita as espigas e era “a ponteira da bengala” (1912) torna-se agora numas populares “tesouras que levava” (1931). O que terá mudado, nos quase vinte anos que separam as duas redacções: o “povo” ou a ideia de “povo” de quem se assume como redactor? Fica também sem resposta uma outra pergunta, a de como seria a voz de quem terá contado esta história ao redactor. Teria ela existido? Quero crer que sim, e, encorajada pelos paralelos de outras tradições referidos pelos artigos publicados neste dossiê da *E. L. O.*, decidi que a narrativa em questão irá aparecer na futura tradução portuguesa do *Catalogue of Portuguese Folktales* com o número 924*A, *O Conselho dum Tirano*, um subtipo de ATU 924, *Discussion by Sign Language*.

